

## Equivalência tradutória de expressões idiomáticas em obras do século XIX da literatura inglesa

Tauani Chaves Lavarini de Freitas (UFMG)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho refere-se a análise de expressões idiomáticas encontradas em obras famosas da Literatura Inglesa do século XIX, especificamente *Frankenstein* e *O Médico e o Monstro*. Essa pesquisa visa encontrar e definir se há padrões de equivalência tradutória dessas expressões em diferentes textos de chegada para o Português Brasileiro, postulando um possível impacto na experiência dos leitores frente às escolhas dos tradutores, caso sejam distintas. Esse estudo é relevante visto que há uma extensa teorização sobre a existência da equivalência um a um entre línguas. Como metodologia, foram analisadas diferentes traduções das obras supracitadas com foco nos termos utilizados para traduzir as expressões idiomáticas selecionadas. Não foi encontrada uma relação de equivalência entre as traduções, contudo as estratégias tradutórias identificadas se provaram consistentes e eficazes nos contextos das obras, possibilitando o desenvolvimento de um posterior estudo mais aprofundado com ênfase nas diferentes metodologias de tradução possíveis.

**Palavras-chave:** Equivalência Tradutória; Expressões Idiomáticas; Estratégias de Tradução.

**Abstract:** This paper focuses on the analyses of idiomatic expressions found in famous works of English Literature from the 19th century, specifically *Frankenstein* and *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. This research aims to find and define if there are any patterns of tradutory consistency of those expressions in different translated versions to Brazilian Portuguese, postulating an impact on the experience of the readers as they face the translators' choices - in case they were distinct. This study is relevant given that there is an extensive theorization about the existence of one to one equivalence between languages. For the methodology, different translations of the aforementioned works were analysed focusing on the terms used to translate the idiomatic expressions that were chosen. There was no relationship of tradutory consistency found, however, the tradutory strategies identified have proved themselves concrete and effective in the books' contexts, making it possible for further and deeper studies to happen, with emphasis in different possible methodologies for translation.

**Keywords:** Tradutory Consistency, Idiomatic Expressions, Translation Strategies.

### Introdução

No âmbito dos estudos tradutórios, há uma ampla discussão sobre a definição e existência da equivalência tradutória - existe, entre cada língua, uma correspondência um a um de palavras para sua tradução? É possível identificar vocábulos exatos numa língua de chegada que sejam perfeitamente adequados em todos os contextos para uma língua de partida e vice versa? Para certos termos nas línguas, especialmente nomes concretos, cuja identificação do significado no mundo é fácil e segura, parece simples e clara uma tradução comum, como o substantivo “book” - dificilmente se encontraria por aí uma tradução diferente do termo “livro”.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Tradução Português-Inglês pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: taauanilavarini@hotmail.com

No entanto, as línguas são muito mais complexas do que apenas nomes concretos com sentidos fixos cujo significado é encontrado facilmente no mundo físico. Palavras se compõem, se aglutinam, formam orações e predicados complexos, que juntos se tornam textos e obras que podem ter um sentido geral que transpõe seu sentido literal quando analisados de perto. Daí cresce o desafio da tradução fiel, da equivalência perfeita, quando se deve levar sempre em conta o contexto cultural das línguas e o público alvo da tradução; as escolhas tradutórias se tornam mais complexas quando o tradutor se depara com trocadilhos, piadas, e até mesmo com termos cujo sentido metafórico se sobrepõe ao original esperado - as expressões idiomáticas.

Expressões idiomáticas, de forma geral e resumida, variam de interjeições a frases que partiram de um significado concreto e literal para um abstrato e metafórico com o passar do tempo - essas expressões passam a ter um sentido completamente diferente e arbitrário que, especialmente quando se trata de uma língua que não a língua materna do indivíduo, precisam ser estudadas e pesquisadas meticulosamente para que seja possível compreendê-las por completo como fenômeno.

Levando isso em consideração, a liberdade do tradutor, defendida por inúmeros pesquisadores da área, é colocada à prova - pelo que optar? O contexto, a expressão, as diferentes línguas e culturas de partida e de chegada, o público alvo, o gênero do texto trabalhado: tudo deve ser pensado ao traduzir. Tendo em vista esses fatos, haveria, então, uma equivalência tradutória para a tradução de expressões idiomáticas?

Os estudos sobre equivalência tradutória ainda são relativamente recentes, considerando que o conceito de mudança na tradução - ou desvio da correspondência formal - foi proposto por Catford na década de 1960, acarretando um significativo impacto nas pesquisas posteriores na área. O intuito do presente projeto é contribuir para o desenvolvimento dos estudos tradutórios nesse âmbito, abarcando também conceitos como o entendimento da motivação do tradutor e sua liberdade, o impacto nos leitores de acordo com as escolhas tradutórias, e as variações encontradas nos textos de chegada para uma mesma língua - seja a tradução focada no sentido pelo sentido ou na palavra pela palavra.

A presente pesquisa, portanto, visa observar se há uma relação de equivalência tradutória entre expressões idiomáticas comuns a duas obras da literatura inglesa do século XIX - *Frankenstein*, de Mary Wollstonecraft Shelley e *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson em diferentes traduções para o Português Brasileiro.

## **2. Conceitos de expressões idiomáticas**

No que diz respeito ao estudo e definição de expressões idiomáticas, ou fraseologias, Vilela afirma que:

A expressão idiomática tem uma importância vital na língua: é que a expressão idiomática não se explica pela anomalia nem pelo desvio ou pela derivação relativamente a uma norma, a um significado literal originário. Postos perante a sua constituição, a sua frequência e a sua riqueza, não pode tratar-se de um elemento linguístico marginal e secundário. (Vilela, 2002, p. 160)

Nesse âmbito, é fundamental levarmos em consideração a noção do que são esses termos, que, segundo o mesmo autor, funcionam como um processo de ampliação do léxico, “servindo assim para a nomeação, qualificação, circunstanciação, ou, por outras palavras, contribuindo para a lexicalização da conceptualização e categorização da nossa experiência cotidiana” (Vilela, 2002, p.161). São, portanto, fraseologias, combinações de palavras relativamente estáveis cujo significado interno de uso difere do significado externo de uso - “no interior das fraseologias as palavras perdem o seu significado individual e constituem em conjunto um significado fraseológico novo, transposto, idiomatizado” (2002, p.161).

Segundo Kövecses (2002), a visão tradicional sobre as expressões idiomáticas acredita que os significados destas não podem ser previstos a partir das palavras que as constituem; elas são tidas como um conjunto especial pertencente à categoria das palavras, portanto consideradas apenas uma questão de linguagem - vista como itens do léxico independentes de sistemas conceptuais.

Já Xatara (1998) toma por conceito de expressão idiomática “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (Xatara, 1998, p.2). Segundo ela, essas expressões seriam consideradas uma lexia complexa pois apresentam o formato de uma unidade locucional, indecomponíveis, pois possuem uma combinatória fechada ou restrita, conotativas, pois sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um nível de abstração conjunta (não se considera o significado individual); e cristalizadas, pois sua significação é estável (em razão da frequência e do emprego).

Levando essas definições em consideração, podemos ver a complexidade das expressões idiomáticas, visto que estas se desdobram em vários níveis da língua de acordo com sua cultura de partida e seu significado metafórico que transplanta o original, portanto se apresentando como desafios aos tradutores (independente até mesmo do fator de equivalência tradutória, que é proposto na seção seguinte).

### **3. Equivalência tradutória e a liberdade do tradutor**

Segundo Magalhães (2001), a equivalência tradutória é um conceito-chave para os estudos da tradução, originado da crença da possibilidade de existência de correspondência formal entre as línguas e do enfoque dado ao texto e cultura de partida. Esse conceito se estabelece em contraste com o conceito de mudança na tradução, ou desvio da correspondência formal, que surge da teoria linguística de Catford (1965), mais tarde retomado por Toury (1978), que diz que além da competência e da performance do tradutor, são as normas sócio-históricas da cultura de chegada as responsáveis pelas mudanças na tradução.

A partir da perspectiva da linguística sistêmico-funcional, se propõe uma concepção da tradução não como transferência de significados, mas como resignificação, isto é, identificação do contexto do uso do texto fonte e geração de um contexto de uso análogo da língua de chegada. De acordo com Pagano e Figueredo (2011), esse processo demanda a percepção do tradutor dos diferentes espaços semânticos em cada sistema linguístico e das seleções que podem ser feitas.

No que concerne à liberdade do tradutor e sua autonomia, Alves, Magalhães e Pagano (2000) tratam da teoria da Funcionalidade, que defende que o tradutor abandone a literalidade lexical e sintática para contextualizar mais adequadamente a língua e a cultura de chegada, e também exemplificam problemas de não equivalência enfrentados pelos tradutores. Estes podem ser tanto lexicais (quando as palavras assumem significados diferentes dependendo do contexto e do contexto geral) quanto gramaticais (questões que regem a morfologia e a sintaxe da língua, desde a função dos morfemas até a ordem de palavras na frase).

Segundo Kumar (2014), a tradução certamente não é uma atividade que surge em um vácuo, ausente de qualquer tipo de referência a outra língua ou cultura, é sempre a respeito de duas entidades situadas em diferentes categorias de tempo e espaço. O autor também afirma que

Ademais, uma tradução é direcionada aos leitores da cultura-alvo, por isso a tarefa do tradutor também é compor uma “palavra responsiva” que possa atender às expectativas dos leitores-alvo, sendo-lhe confiada a tarefa complexa de falar tanto para a cultura-fonte quanto para a cultura-alvo. Qualquer prioridade dada a uma das culturas pode ser danosa à atividade em questão. (Kumar, 2014, p. 553)

Já Bakhtin (2010) afirma que há dois polos a serem encontrados em textos, cuja compreensão é de fundamental importância para o tradutor frente às escolhas linguísticas e produção de efeitos contextuais que o mesmo precisa estabelecer ao longo do ato tradutório:

O primeiro consiste no sistema da linguagem, ou seja, no sistema de signos que é repetível e reproduzível. No que tange aos elementos linguísticos e filológicos, um texto é inconcebível sem este pólo: qualquer texto pressupõe

um sistema de linguagem e passa a existir devido a esse sistema. Entretanto, todo texto é único por direito. O segundo pólo (...) é o dialógico. As características extralinguísticas referem-se ao plano e propósito do autor, a qualidades como a honestidade, verdade e beleza do texto, aos significados contextuais e sua implicação para o emissor e receptor, às dimensões temporais e espaciais do texto etc. O sentido não depende muito do sistema da linguagem; ele é, pelo contrário, um produto do sistema dialógico do texto, o seu segundo pólo. (Bakhtin, 2010, p. 107)

Tais aspectos tratados pelos autores acima mencionados demonstram as incontáveis possibilidades tradutórias encaradas pelo tradutor enquanto traduz; suas escolhas devem ser compreensíveis quando analisadas sob a luz das teorias que defendem que se leve em consideração não apenas a tradução literal - a palavra pela palavra -, mas também a tradução do que o autor expressa na língua de partida, ou seja, o sentido pelo sentido; ao mesmo tempo em que se visa a utilização de uma linguagem clara e perfeitamente compreensível para o público alvo, se adequando à época e à cultura de chegada. Dessa forma, podemos ver que tudo isso constitui um desafio para os tradutores quando se trata da existência da equivalência tradutória, visto que tantos aspectos linguísticos e extralinguísticos precisam ser considerados ao longo do processo tradutório.

#### **4. Sobre as obras: Trabalhadas e traduções analisadas**

As obras analisadas no presente trabalho são *Frankenstein* e *O Médico e o Monstro*. Para cada uma dessas obras, duas traduções foram escolhidas: para a primeira uma tradução feita por Ralph (nessa pesquisa, tratada como tradução um, ou T1) e outra feita por Honkis (tradução dois, ou T2); para a segunda, uma tradução feita por Golob, Aguiar e Sartori, dentro do programa da Oficina de Tradução Literária de Beatriz Viégas-Faria (tradução três, ou T3) e outra feita por Costa (tradução quatro, ou T4).

#### **4.1 Expressões selecionadas**

As expressões escolhidas para serem analisadas na pesquisa foram quatro: *alas*, *guided by a silken cord*, *dash the cup from your lips* e *balderdash*. *Alas* e *guided by a silken cord* são encontradas em ambas as obras, enquanto *dash the cup from your lips* se encontra apenas em *Frankenstein* e *balderdash*, apenas em *O Médico e o Monstro*. Seus respectivos possíveis significados e etimologias, descritos por diferentes dicionários, e análises contextuais de acordo com cada obra serão problematizados e avaliados na seção seguinte.

##### **4.1.1 Alas**

O *Cambridge Dictionary* (2023) descreve essa expressão como “used to express sadness or feeling sorry about something” - usada para expressar tristeza ou (alguém) se sentindo mal com alguma coisa. Já o *Oxford English Dictionary* (2023) define como: “used to express grief, pity or concern” - usada para expressar luto, pena ou preocupação; e explica sua etimologia: a expressão vem do Francês Antigo, *a las, a lasse*, de “ah + las(se)”, do latim *lassus* (cansado). Segundo o *Urban Dictionary* (2023), *alas* se define como: “used to express sorrow, regret, grief, compassion, or apprehension of danger or evil” - usada para expressar tristeza, arrependimento, luto, compaixão ou apreensão do perigo ou do mal.

O termo “Alas” é comum apenas à Língua Inglesa, visto que em outros idiomas pode ser traduzido de várias formas diferentes - muitas vezes sendo associados à suas questões religiosas e culturais; mas não a algo específico e concreto existente no mundo físico. Não há nada no termo “alas” que indique seu possível significado, e em seus padrões de uso nota-se um nível de arbitrariedade extremamente alto - visto que, nas obras analisadas, por exemplo, há ocorrências desse substantivo nos mais variados contextos. Levando todos esses aspectos em consideração, podemos concluir que “alas” se trata de uma expressão idiomática relativamente recorrente do Inglês.

#### 4.1.2 *Guided*

O verbo “guided” (guiado) por si só, em seu sentido literal, não pode ser considerado uma expressão idiomática, pois não apresenta nenhum outro significado arbitrário associado a motivações culturais e padrões de uso; no entanto, em ambas as obras, há ocorrências desse termo com um sentido adicional fornecido pelo contexto.

Em *Frankenstein*, Victor diz que se vê “guided by a silken cord” (guiado por uma corda de seda). Nesse caso podemos ver claramente que o sentido literal do verbo apenas não basta; devemos entender que a autora se refere a uma ação teatral, como se o personagem se encontrasse sendo movido como uma marionete.

O mesmo sentido pode ser apreendido da ocorrência de “guided” encontrada em *O Médico e o Monstro* (1995), na qual Edward Hyde pergunta a Lanyon: “Will you be wise? Will you be guided?” (Você será sábio? Você será guiado?); visto que neste contexto Hyde quer que Lanyon siga suas instruções, o mesmo sentido de manipulação se faz presente no uso do verbo - que em ambos os contextos apresentados será considerado como uma expressão idiomática por preencher os requisitos para tal.

### 4.1.3 *Dash*

O verbo “dash” (afastar, arremessar, separar), assim como o verbo “guided”, quando levamos em conta apenas seu sentido literal, por si só não é uma expressão idiomática; no entanto, também assim como “guided”, aparece com um significado adicional arbitrário proporcionado pelo contexto da obra. Em *Frankenstein*, Victor pede a Walton: “dash the cup from your lips” (afaste o cálice de seus lábios). Essa expressão, comum também à Língua Portuguesa, não pode ser analisada apenas do ponto de vista literal: significa que se deve afastar de algum tipo de mal ou ação errônea, geralmente tentadora; e, portanto, será tratada nessa pesquisa também como expressão idiomática.

### 4.1.4 *Balderdash*

O substantivo “balderdash” (disparate), de acordo com o *Cambridge Dictionary*, significa “something that is stupid or not true” (algo que é idiota ou que não é verdade). No entanto, de acordo com o *Oxford English Dictionary*, sua origem data do final do século XVI, e significava “a frothy liquid; later, an unappetizing mixture of drinks” (um líquido espumoso; e depois, uma mistura de drinques não apetitosa). O mesmo dicionário define “balderdash” como “senseless talk or writing; nonsense” (uma conversa ou escrita sem sentido; absurdo). Portanto vê-se aqui uma mudança drástica do significado atribuído a essa palavra com o tempo - o sentido que ela passa atualmente se mostra completamente arbitrário e segue padrões específicos de uso totalmente diferentes dos originais.

“Balderdash” aparece em *O Médico e o Monstro* em uma conversa entre Utterson e Lanyon, na qual Lanyon diz: “Such unscientific balderdash” (tal disparate não científico). Vemos aqui que o sentido usado no livro concorda com o significado mais recente do termo e não o seu original; dessa forma podendo também ser classificado como uma expressão idiomática nesse contexto.

## 5. Ocorrências: Descrição das ocorrências

As expressões que foram utilizadas com o sentido indicado na seção anterior - e que, portanto, se classificam como expressões idiomáticas - se encontram em diferentes quadros divididos por obra, tradutor, trecho onde se localizam; tanto no original quanto no respectivo livro traduzido, e nas traduções realizadas. Uma abordagem mais profunda deve ser feita para que se torne possível a identificação da relação de equivalência - ou da não equivalência -

tradutória entre as obras e suas respectivas traduções; portanto, essa análise se desenvolve na seção a seguir.

### 5.1 *Alas*

A expressão *Alas* é a mais recorrente em ambas as obras: em *Frankenstein*, foram identificadas vinte ocorrências de uso; enquanto em *O Médico e o Monstro* - obra consideravelmente menor que a primeira mencionada, duas. Em todos os casos de uso, verifica-se o sentido descrito em 4.1.1 - uma expressão usada para expressar tristeza, arrependimento, luto, compaixão ou apreensão do perigo ou do mal; verificando-se, assim, a força da arbitrariedade e do padrão de uso presente nessa expressão.

Em *Frankenstein* diversas ocorrências simplesmente não foram traduzidas - especialmente na tradução realizada por Ralph (T1); dos vinte usos encontrados na obra original, apenas a metade foi traduzida para o texto de chegada. Na tradução de Honkis (T2), apenas uma ocorrência não consta no texto de chegada. Sendo assim, para a T1 há dez ocorrências de *alas*, enquanto para a T2, dezoito.

Na T1, Ralph traduz *alas* três vezes como “Ai de mim!”, cinco como “Pobre de mim!”, uma como “Infeliz de mim!” e um como “Misericoorde que sou!”. Na T2, Honkis opta por traduzir *alas* oito vezes como “Ai de mim!”, uma vez como “Pobre de mim!”, cinco vezes como as interjeições “Ah!”, “Oh!” e “Ai!”, duas vezes como “Ai, meu pai!”, uma como “Ah, meu Deus!”, uma como “Victor” e uma como “Contra a vontade”.

Assim, nota-se que os tradutores mantêm o sentido da expressão original em suas escolhas tradutórias - com a clara exceção dos casos não traduzidos e do uso de “Victor!” e “Contra a vontade” na T2 (tema problematizado em 4.2.1 e 4.2.3, respectivamente). No entanto, ainda que todas as expressões utilizadas nas traduções carreguem um significado semelhante de pesar, infelicidade, desespero ou luto, há um número razoavelmente alto de escolhas tradutórias distintas realizadas. Nas traduções vê-se majoritariamente o uso de “Ai de mim!”, contudo, das vinte e nove ocorrências analisadas (soma dos usos que foram traduzidos em ambas as obras), esse fraseologismo conta apenas doze escolhas tradutórias (número superior apenas ao total de onze ocorrências que não foram traduzidas em ambas as traduções).

Nota-se ainda a divergência entre as escolhas dos tradutores: Ralph demonstra preferir o uso de “Pobre de mim!”, enquanto Honkis opta pela maior utilização de “Ai de mim!”. Não apenas isso, mas na T1 a expressão *alas* é traduzida como quatro termos diferentes, enquanto na T2 essa mesma expressão aparece traduzida através de nove formas distintas - sendo que

entre ambas, apenas “Pobre de mim!” e “Ai de mim!” se repetem (as escolhas feitas com mais frequência na T1 e na T2, respectivamente), totalizando, portanto, onze diferentes escolhas tradutórias para a mesma expressão entre as duas traduções analisadas.

Em *O Médico e o Monstro*, a expressão se encontra no trecho: “Second, because, as my narrative will make, alas! too evident, my discoveries were incomplete” (Segundo, porque, como minha narrativa tornará, infelizmente, evidente demais, minhas descobertas foram incompletas”; e também na passagem “It took on this occasion a double dose to recall me to myself; and alas! Six hours after, as I sat looking sadly in the fire, the pangs returned, and the drug had to be re administered” (Nessa ocasião foi preciso uma dose dupla para que eu voltasse a mim mesmo, e meu Deus! Seis horas depois, enquanto eu sentava olhando tristemente para o fogo, as dores voltaram, e a droga teve que ser administrada novamente).”

Na tradução de Golob, Aguiar e Sartori (T3), a primeira ocorrência da obra é traduzida como “assim, ao menos, espero”, enquanto a segunda ocorrência se encontra traduzida por: “Ai de mim!”. Na tradução de Costa (T4), a primeira ocorrência foi traduzida como “infelizmente”, enquanto a segunda ocorrência foi traduzida como “tristeza!”. Levando esses dados em consideração, podemos ver, portanto, que entre a obra original *Frankenstein*, e as traduções de Ralph e Honkis, não se estabelece uma relação clara e constante de equivalência tradutória ao tratarmos da expressão idiomática *alas*, pois até mesmo a opção que é encontrada mais recorrentemente - “Ai de mim!” - não chega a totalizar nem ao menos metade das ocorrências que foram traduzidas; além de não ser a escolha majoritária de um dos tradutores - na tradução de Ralph, os casos de “Pobre de mim!” encontrados somam quase o dobro do uso de “Ai de mim!”.

Já em *O Médico e o Monstro*, considerando as comparações estabelecidas entre as traduções da obra por José Paulo Golob, Maria Angela Aguiar e Roberta Sartori e por Costa, pode se constatar também que não se estabelece uma relação consistente de equivalência, visto que, apesar da maioria manter o sentido metafórico da expressão idiomática, não é possível encontrar ocorrências iguais entre eles; as maiores similaridades são as escolhas de traduzir “alas” como “Ai de mim!” encontradas entre as obras na T1, na T2 e na T4, mas ainda assim, não há um padrão que seja claro e consistente identificado para a ocorrência de tal fenômeno de variação.

## 5.2 Guided

A expressão *guided* não aparece tão recorrentemente quanto *alas* - são cinco ocorrências em *Frankenstein*, e apenas uma em *O Médico e o Monstro*. No entanto, para preencher os

critérios de expressões idiomáticas, esse termo deve apresentar o sentido extra mencionado em 4.1 - de estar sendo manipulado, guiado por cordas como uma marionete -, indo metaforicamente além de seu sentido original. Levando isso em consideração, apenas um caso encontrado em *Frankenstein*, preenche esse requisito, assim como o uso encontrado em *O Médico e o Monstro*.

As ocorrências de *guided* que não foram classificadas como expressões idiomáticas são: “a being which had the shape of a man, but apparently of gigantic stature, sat in the sledge and guided the dogs” (p. 14) (um ser que tinha a forma de um homem, mas aparentemente de estatura gigante, sentou-se no trenó e guiou os cachorros), “I was (...) mingling, like an unadep, a thousand contradictory theories and floundering desperately in a very slough of multifarious knowledge, guided by an ardent imagination and childish reasoning” (p. 36) (eu estava misturando, como um não adepto, mil teorias contraditórias e chafurdando desesperadamente em um lamaçal de conhecimentos variados, guiado por uma imaginação ardente e um raciocínio infantil), “guided by a slight clue, I followed the windings of the Rhone, but vainly” (p. 251) (guiado por uma pequena pista, eu segui as curvas do Ródano, mas em vão) e “he left marks in writing on the barks of the trees or cut in stone that guided me and instigated my fury” (p. 253) (ele deixou marcas escritas nas cascas das árvores ou cortadas em pedra que me guiaram e instigaram a minha fúria). Pode-se notar que, nessas ocorrências, o sentido do verbo “guided” mantém-se apenas igual ao seu originário, sem acrescentar nenhum outro além deste: o de ser levado, conduzido ou, literalmente, guiado através do mundo físico e real. No entanto, em cada uma das obras, uma das ocorrências se apresenta com o sentido metafórico proposto anteriormente em 3.2.2

Em *Frankenstein* encontra-se o seguinte trecho:

With this deep consciousness of what they owed towards the being to which they had given life, added to the active spirit of tenderness that animated both, it may be imagined that while during every hour of my infant life I received a lesson of patience, of charity, and of self-control, I was so guided by a silken cord that all seemed but one train of enjoyment to me (Shelley, 1831, p.14)  
(Com essa profunda consciência do que eles deviam ao ser para o qual eles haviam dado a vida, somado com o espírito ativo de ternura que animava ambos, pode-se imaginar que durante cada hora de minha infância eu recebi uma lição de paciência, de caridade, e de autocontrole; eu estava tão guiado por uma corda sedosa que tudo parecia nada além de um trem de diversão para mim.)

Esse trecho mostra indubitavelmente um sentido de “ser guiado” que estava além não apenas do controle, mas da consciência do personagem que narra; como uma criança, ele se via movido pelos pais pelo que ele literalmente descreve como uma corda de seda. Portanto, nota-

se aí um sentido de manipulação que beira a definição teatral (diferentemente das outras ocorrências relatadas, que apresentam nada além do sentido literal do verbo). O personagem era exatamente como uma marionete, alheio ao que lhe movia e ao que o levava a fazer e a aprender coisas, apenas aceitando, sem se questionar, como se tudo estivesse correto.

Na tradução de Ralph (T1), a expressão com sentido metafórico não é traduzida, enquanto as que apresentam apenas o sentido originário do verbo é traduzido normalmente e recorrentemente por “guiado” apenas. Na tradução de Honkis (T2), a expressão idiomática é traduzida como “fui guiado por um cordel de seda”, denotando o sentido teatral adicional que o difere das ocorrências anteriores do verbo sozinho - que também são traduzidas apenas como “guiado”.

Já em *O Médico e o Monstro*, podemos encontrar o trecho:

“Will you be wise? will you be guided? will you suffer me to take this glass in my hand and to go forth from your house without further parley? or has the greed of curiosity too much command of you? Think before you answer, for it shall be done as you decide.” (Stevenson, 1886, p.70)

(Você será sábio? Se deixará guiar? Você vai me permitir pegar esse copo em minha mão e partir da sua casa sem qualquer negociação subsequente? Ou a ganância da curiosidade tem comando demais sobre você? Pense antes de responder, pois deverá ser feito como você decidir.)

Esse parágrafo também demonstra o sentido adicional presente na expressão idiomática - Hyde conversa com Lanyon com um claro teor de ameaça e diz que, para o médico, se deixar ser guiado é a escolha correta. Sendo assim, Lanyon não tinha realmente outra escolha segura a não ser fazer o que era exigido dele; portanto sendo manipulado como uma marionete - e não apenas guiado, como o sentido inicial e mais comum do verbo. Na obra original, não há outras ocorrências da palavra “guided”, nem como expressão idiomática, nem como o verbo apenas em seu sentido puro.

Na tradução de Golob, Aguiar e Sartori (T3), encontra-se o trecho traduzido como: “O senhor saberá ser sensato? Vai se deixar conduzir?”; enquanto que, na tradução de Costa (T4), temos: “Quer ser ajuizado? Quer aceitar uma opinião?”. Em ambas é possível identificar claramente o mesmo teor que a expressão idiomática apresenta (ainda mais claramente do que na T2 de *Frankenstein*; e especialmente na T3 - “Vai se deixar conduzir?”).

Assim sendo, conclui-se que há uma relação de equivalência tênue (não estrita, visto que as traduções variam, mas mantêm o sentido da obra) presente na tradução de “guided” como expressão idiomática, pois, das traduções avaliadas (com exceção da T1, de *Frankenstein*, cujo tradutor optou pela não tradução), em mais da metade dos casos a palavra “guiado” - tradução literal com apenas o sentido originário do verbo - nem sequer aparece nos textos de chegada;

comprovando-se assim a presença da ênfase em transmitir o sentido adicional aos leitores da obra, proporcionado pelo estabelecimento da expressão idiomática, mais do que o foco em traduzir o verbo por si só com seu sentido originário e nada mais.

### 5.3 *Dash*

A expressão “dash” - como expressão idiomática -, assim como “guided”, está presente apenas uma vez em *Frankenstein*; no entanto, esta não ocorre em *O Médico e o Monstro*. Como verbo sozinho, apenas em seu sentido originário, não ocorre nenhuma outra vez em nenhuma das duas obras - tornando assim necessária a análise e comparação apenas entre a tradução de Ralph (T1) e a tradução de Honkis (T2). O verbo por si só - desprovido de qualquer sentido metafórico adicional -, de acordo com o *Cambridge Dictionary*, indica tanto se mover com grande pressa quanto arremessar algo em algum lugar com grande força. No entanto, essa expressão aparece na obra no período: “Hear me; let me reveal my tale, and you will dash the cup from your lips!” (Ouça me; deixe-me revelar meu conto, e você afastará o cálice de seus lábios!).

Dessa forma, podemos perceber que esse verbo é capaz de expressar um sentido que vai além do seu originário: afastar o cálice dos lábios não quer dizer literalmente que alguém deve empurrar para longe da boca um cálice feito de algum material concreto e palpável, que se encontra presente em nosso mundo físico. Essa expressão idiomática tem como significado adicional e metafórico a noção de que o indivíduo deve afastar-se de alguma forma da tentação; não “beber”, geralmente por curiosidade (ou qualquer outra motivação possível), de algo que não deveria, pois isso não lhe trará os resultados esperados, que são positivos.

Na versão da obra traduzida por Ralph (T1), encontramos a seguinte tradução do trecho: “e afastará, prontamente, suas ilusões.”; enquanto que, na versão da obra traduzida por Honkis (T2), podemos encontrar a tradução dessa expressão idiomática como: “e você afastará o cálice de seus lábios!”. Vemos, dessa forma, que um dos tradutores optou por uma tradução mais profunda, enquanto o outro demonstrou preferir uma tradução literal. É importante considerar, ao analisar esse fato, que essa expressão idiomática também pode ser encontrada na Língua Portuguesa (4.2.4), validando, assim, a tradução literal; visto que os falantes nativos do Português Brasileiro a reconhecem com o sentido metafórico presente além do sentido puro e original. Dessa forma, podemos concluir que, mesmo que os tradutores tenham mantido o sentido da expressão idiomática, não existe entre as traduções avaliadas uma forma precisa e específica de equivalência para “Dash the cup from your lips”, considerando que Ralph (T1) e

Honkis (T2) optaram por orações completamente diferentes para os textos de chegada para representar a forma original dos textos de partida.

#### 5.4 *Balderdash*

A expressão “balderdash”, como mencionado anteriormente em 3.2.4, atualmente significa, grosso modo, baboseira - destoando completamente de seu sentido original: um líquido, ou um conjunto de líquidos, cuja aparência causa repulsa. Esse termo - com seu sentido arbitrário e metafórico consolidado através do tempo e por convenção, substituindo quase completamente o sentido original -, de acordo com o *Cambridge Dictionary*, pode inclusive ser usado como uma exclamação sozinha, além de sua forma mais clássica e provavelmente mais recorrente, que se dá como substantivo. Essa expressão idiomática se encontra presente apenas uma vez com seu sentido metafórico em *O Médico e o Monstro*, e nenhuma vez com seu sentido originário; além disso, esta não ocorre em *Frankenstein*, em nenhum dos casos: nem com seu sentido original, nem com seu significado adicional mais recente; tornando assim necessária a análise e comparação apenas entre a tradução de José Paulo Golob, Maria Angela Aguiar e Roberta Sartori (T3) e a tradução de Costa (T4).

A expressão “balderdash” encontra-se em *O Médico e o Monstro* no trecho onde Utterson questiona Lanyon se ele tem visto o Doutor Jekyll ultimamente; ao qual ele responde:

He began to go wrong, wrong in mind; and though of course I continue to take an interest in him for old sake's sake, as they say, I see and I have seen devilish little of the man. Such unscientific balderdash,' added the doctor, flushing suddenly purple, 'would have estranged Damon and Pythias.' (Stevenson, 1886, p.14)

(Ele começou a ir para o caminho errado, errado na mente, e apesar de eu continuar me interessando por ele, claro, pelos velhos tempos, como dizem, eu vejo e tenho visto o homem pouquíssimo. Tamanha baboseira não científica', acrescentou o médico, de repente ruborizando roxo, 'teria criado inimizade até mesmo entre Damon e Péricles.)

Dessa forma podemos ver claramente que o uso da expressão “balderdash” não está sequer minimamente relacionado com seu sentido original, apenas com o metafórico - arbitrário e convencional - que foi atribuído posteriormente à palavra.

Na versão da obra traduzida por Golob, Aguiar e Sartori (T3), esse trecho, “Such unscientific balderdash”, é traduzido como: “Um palavrório tão pouco científico”; enquanto que, na versão traduzida de *O Médico e o Monstro* por Costa (T4), esse mesmo trecho se encontra traduzido como: “Um tal disparate não-científico”. Assim sendo, podemos avaliar a diferença oriunda da comparação entre ambos: as duas versões da tradução demonstram nada

além do sentido da expressão idiomática - excluindo completamente seu sentido original, assim como o que foi feito pelo próprio autor do livro -, mas de formas diferentes. Os tradutores da T3 preferem utilizar-se de um termo menos formalizado, “palavrório” enquanto a tradutora da T4 utiliza-se de um vocábulo mais objetivo e formal, “disparate”.

Desse modo, podemos concluir que há uma relação de não-equivalência entre as traduções analisadas da expressão idiomática “balderdash”; visto que os tradutores de ambas as versões diferiram em suas escolhas linguísticas - mesmo que tenham expressado basicamente a mesma ideia do texto de partida para o texto de chegada com sucesso. Não há sequer uma relação de equivalência considerando outras partes presentes encontradas no trecho avaliado, como na tradução de “unscientific” (“tão pouco científico” para a tradução de José Paulo Golob, Maria Angela Aguiar e Roberta Sartori, e “não científico” para a tradução de Costa), reforçando assim a ideia de menor formalidade pelos tradutores da T3 e mais objetividade pela tradutora da T4.

## 6. Possíveis motivações

Levando em consideração os resultados obtidos ao analisar diferentes versões traduzidas de *Frankenstein* e *O Médico e o Monstro*, no que concerne à equivalência ou não-equivalência de expressões idiomáticas presentes nas obras originais, temos que, além da clara constatação de que não há equivalência tradutória na tradução das expressões escolhidas - tanto nas ocorrências comuns entre as diferentes obras quanto entre versões traduzidas das ocorrências das mesmas obras, os diferentes tradutores optaram por distintas escolhas de tradução frente a essas ocorrências: preferiram a não tradução de certos termos, trouxeram a tradução para mais perto dos leitores ao mantê-la mais próxima de sua língua materna, utilizaram-se das expressões para melhorar a conectividade e a fluência do discurso literário e também escolheram traduzir literalmente certas partes das obras que são extremamente similares nas línguas de partida e nas línguas de chegada.

Dessa maneira, ao considerar esses fenômenos tradutórios e suas possíveis motivações por parte de todos tradutores avaliados das obras e das expressões idiomáticas escolhidas nesta pesquisa, devemos tentar explicar cada uma delas e entender suas prováveis causas para que se torne possível definir se essas escolhas são mais adequadas para contexto da obra, para manter o sentido original expressado ou adaptá-lo melhor para a cultura de chegada - para que sua

compreensão se torne possível ou mais fácil -, para se adequar ao público alvo dessas traduções, e por qual motivo essas escolhas são avaliadas dessa maneira nesse âmbito.

## 6.1 Não tradução

O fenômeno mais recorrente encontrado na análise das traduções das expressões idiomáticas avaliadas em busca de equivalência tradutória foi a escolha da não tradução por parte dos tradutores. Essas ocorrências estão presentes majoritariamente nas traduções de “alas” e “guided” na obra *Frankenstein*. Dentre as vinte ocorrências de “alas”, dez simplesmente não foram traduzidas por Ralph, enquanto Honkis optou por não traduzir a expressão idiomática apenas uma vez. Já a ocorrência de “guided” com sentido adicional metafórico não se encontra traduzida na T1, mas foi traduzida normalmente na T2.

Uma possível motivação para a escolha recorrente de não tradução de “alas” por parte de Ralph é que sua versão traduzida de *Frankenstein*, é consideravelmente menor, tanto que a obra original, quanto que a versão traduzida de Honkis, e se utiliza de linguagem mais simples e menos formal; provavelmente se trata de uma adaptação para um público mais jovem, com um conhecimento linguístico e cultural relativamente menos amplo do que o do público alvo da obra original - e o mesmo acontece para sua escolha de não tradução da expressão “guided”. O tradutor da T1 pula diversos trechos da narrativa que, possivelmente, foram considerados não essenciais por ele para que sua versão traduzida se mantenha concisa, direta e, de certa forma, mais simples - para que uma maior e melhor compreensão seja possível por parte dos leitores; entretanto, isso significa que Ralph abre mão de inúmeras passagens com conteúdo significativo para a obra; mesmo que não essenciais para seu entendimento geral, fazendo com que as ideias e mensagens presentes na obra não sejam transmitidas de forma completa em sua tradução.

Já a ocorrência de “alas” (que não foi traduzida por Honkis) se encontra no seguinte trecho da obra original:

If he were vanquished, I should be a free man. Alas! What freedom? Such as the peasant enjoys when his family have been massacred before his eyes, his cottage burnt, his lands laid waste, and he is turned adrift, homeless, penniless, and alone, but free. Such would be my liberty except that in my Elizabeth I possessed a treasure, alas, balanced by those horrors of remorse and guilt which would pursue me until death. (Shelley, 1831, p.232)

(Se ele fosse derrotado, eu seria um homem livre. Pobre de mim! Que liberdade? Assim como o camponês aproveita quando sua família foi massacrada diante de seus olhos, sua cabana queimada, suas terras devastadas, e ele está à deriva, sem casa, sem dinheiro, sozinho, mas livre. Essa seria a minha liberdade, exceto que em minha Elizabeth eu possuía um

tesouro, ai de mim, balanceado por aqueles horrores de remorso e culpa que me perseguiriam até a morte.)

Tanto na T1 quanto na T2, o segundo “alas” presente nesse trecho não se encontra traduzido, e uma possível motivação para ambos os tradutores se utilizarem dessa estratégia de não tradução da expressão idiomática é para evitar repetições no discurso; o parágrafo por inteiro já continha um teor de lamentação, luto e perda grave - o mesmo que o sentido metafórico contido na expressão -, portanto a segunda ocorrência pode ter sido considerada não essencial tanto por Ralph quanto por Honkis, visto que ambos optaram pela tradução da primeira ocorrência encontrada no trecho (na T1 foi traduzida como “Pobre de mim!”), enquanto que, na segunda tradução, foi traduzida como “Ai de mim!” - expressando claramente o pesar e a tristeza do narrador, mesmo que não exista relação de equivalência entre eles). Dessa forma, ambos os tradutores conseguiram preservar o sentido das duas expressões idiomáticas contidas no parágrafo com sucesso: sem deixar o trecho repetitivo e, conseqüentemente, cansativo para o leitor, mantendo dessa forma seu público alvo engajado e esclarecido sem remover parte do conteúdo e da essência do sentido presentes em *Frankenstein*.

## 6.2 Adaptação cultural ou religiosa

Um outro fenômeno encontrado durante a análise das traduções de expressões idiomáticas em *Frankenstein*, e *O Médico e o Monstro*, foi a adaptação cultural e religiosa. Há ocorrências da tradução da expressão “alas” em que Honkis opta pela expressão “Ah, meu Deus!” Mesmo que o sentido metafórico dessa expressão não tenha nenhum tipo de relação direta com religiões ou divindades, seu sentido de apelo - até mesmo como interjeição - se assemelha com uma lamentação ou pedido de ajuda num meio religioso. Isso não só se encontra presente na cultura de partida - visto que a escritora, Mary Wollstonecraft Shelley, nasceu e morreu na Inglaterra, um país cuja religião (anglicana) adora a Deus; e seu próprio personagem principal, Victor Frankenstein, nasceu em Nápoles, uma província ao sul da Itália (cuja religião é o Catolicismo Romano, também monoteísta), e cresceu em Genebra, uma cidade da Suíça (que reconhece a Igreja Católica Romana como igreja oficial).

Ao longo da obra original (Shelley, 1994) podemos encontrar menções religiosas a Deus como apelos de vários personagens - especialmente Victor -, como “Good God” (p.16), “Great God!” (p.58) (bom Deus!), “for God’s sake” (p.64) (por Deus, ou pelo amor de Deus), “O God!” (p.78) (oh Deus!), “Thank God” (p.79) (graças a Deus), “God forbid” (p.88) (que Deus

não permita), “God knows” (92) (Deus sabe), “omnipotent God “(p.154) (Deus onipotente) e até mesmo expressões como “The God of heaven forgive me!” (p.97) (Deus do céu me perdoe) e “God raises my weakness and gives me courage to endure the worst” (p.98) (Deus me eleva de minhas fraquezas e me dá coragem para suportar o pior). Expressões e ocorrências como as mencionadas também se encontram presentes muito recorrentemente no Português Brasileiro, visto que uma grande porcentagem (64,6%) da população brasileira segue o Catolicismo Romano.

Tendo esses dados em mente, podemos considerar que a tradução de Honkis se encontra apropriada tanto para a cultura quanto para a língua de chegada, visto que tais expressões e apelos religiosos a Deus são extremamente comuns no cotidiano para falantes que têm como língua materna o Português Brasileiro e tem contato constante com a cultura brasileira. Esse tipo de expressão, muitas das vezes, pode ser usada em momentos de desespero, luto e pesar, sendo assim bastante adequada para a tradução de “alas” como expressão idiomática; mesmo que se diferencie das outras traduções escolhidas pelo mesmo tradutor e por Ralph - não se estabelecendo assim uma forma precisa de equivalência tradutória.

### **6.3 Conectividade e fluência discursiva**

Além das escolhas de não tradução e de adaptação cultural e religiosa, nas traduções analisadas das expressões idiomáticas também foi identificado um fenômeno distinto: Honkis, ao traduzir “alas” em certos trechos, não se utiliza necessariamente do sentido metafórico da expressão idiomática ou sequer de seu sentido literal; ele adapta ainda mais a ocorrência para o contexto da passagem.

No trecho “I know, I feel she was innocent; you are of the same opinion, and that confirms me. Alas! Victor, when falsehood can look so like the truth, who can assure themselves of certain happiness?” (Eu sei, eu sinto que ela era inocente, você tem a mesma opinião e isso confirma. Oh, Deus! Victor, quando a falsidade pode parecer tanto com a verdade, quem pode se assegurar de felicidade certa?) (Shelley, 1994, p. 105), Honkis não traduz a expressão idiomática individualmente; ele traz o início da frase seguinte e usa o nome do personagem como apelação, traduzindo “Alas!” como “Victor!”, conectando assim o discurso de forma ainda mais intrínseca enquanto mantém o teor de desespero e apelo.

Não só isso, mas nos trechos de Shelley (1994): ““Alas! Yes, my father,’ replied I, ‘some destiny of the most horrible kind hangs over me, and I must live to fulfil it, or surely I should have died on the coffin of Henry.’” (p.222) (‘Ai de mim! Sim, meu pai,’ respondi, ‘um destino do tipo mais horrível pende sobre mim, e eu devo viver para cumpri-lo, ou certamente eu

deveria ter morrido no caixão de Henry.) e “‘Alas! My father,’ said I, ‘how little do you know me.’” (p.227) (‘Ai de mim! Meu pai’, disse eu, ‘quão pouco você me conhece’), em que Victor conversa com seu pai, Honkis traduz “Alas!” - que em ambas as passagens se encontra em uma frase separada da frase em que Victor menciona seu pai - como “Ai meu pai!”. Dessa forma, o tradutor conseguiu unir os trechos do parágrafo para poder manter uma maior fluência discursiva e aumentar a conectividade dos sintagmas presentes na obra original, enquanto consegue manter o sentido apelativo e desesperado transmitido pela expressão idiomática “alas”.

Por fim, há também outro tipo de ocorrência peculiar na T2. No diálogo: “‘Do you, then, really return?’ - ‘Alas! Yes; I cannot withstand their demands. I cannot lead them unwillingly to danger, and I must return.’” (Shelley, 1994, p.268) (‘Então você realmente retorna?’ - ‘Ai de mim! Sim; eu não posso suportar as exigências deles. Não posso levá-los sem querer ao perigo, e eu devo retornar.’), na qual Honkis traduz “Alas” como “contra a vontade”; uma vez mais adequando a expressão idiomática de forma mais profunda para se tornar mais apropriado ao contexto linguístico e fortalecer os laços de relação entre os constituintes da passagem, enquanto mantém o sentido de infelicidade e relutância presente na ocorrência da obra e no significado da expressão.

Não apenas isso, além dos fenômenos tradutórios peculiares encontrados na tradução de *Frankenstein*, por Honkis, há também uma ocorrência distinta encontrada em *O Médico e o Monstro*, na tradução de Golob, Aguiar e Sartori. No trecho “Second, because, as my narrative will make, alas! too evident, my discoveries were incomplete” (Stevenson, 2006, p.75) (Segundo, porque, como minha narrativa fará, ai de mim! evidente demais, minhas descobertas estavam incompletas) a tradução da expressão idiomática “alas” é feita por “assim, ao menos, espero”. Tal escolha de tradução não apenas ignora quase completamente os sentidos de luto, pesar e tristeza passados pelo sentido metafórico da expressão, como também se desvia bastante do sentido original presente na obra: Jekyll se sentia exasperado e frustrado com tudo o que havia ocorrido; ele estava desesperado; exaurido com o caminho ao qual suas descobertas o tinham levado, e seu fracasso evidente (e iminente, àquele ponto) era inegável em seu relato - ele sabia que seria óbvio, “evidente demais”, como diz; o completo oposto do que transmite a escolha feita pelos tradutores da T3, que passam uma ideia de esperança ou expectativa, como se Jekyll não pensasse que os fatos por ele narrados eram extremamente indicativos e claros - uma contradição evidente na tradução feita.

Considerando os dados analisados, pode-se considerar como uma possível motivação para os tradutores da T3 terem feito tal escolha linguística a interpretação confusa ou errônea da intenção inicial do autor ao se utilizar da expressão idiomática “alas” na obra original naquele trecho. Isso demonstra a discrepância encontrada entre as traduções analisadas - não há equivalência nas escolhas tradutórias entre elas e até mesmo dentro delas; Honkis consegue manter o sentido metafórico das ocorrências da expressão enquanto o adapta de forma melhor e mais precisa para o contexto de *Frankenstein*; porém José Paulo Golob, Maria Angela Aguiar e Roberta Sartori, ao se utilizarem de uma frase que parece aumentar a fluência discursiva na tradução da passagem, não conseguiram transmitir para os leitores a mensagem presente no trecho original com o sentido verdadeiro de *O Médico e o Monstro*.

#### 6.4 Similaridade linguística

Além dos fenômenos analisados anteriormente, foram também encontrados nas traduções analisadas fenômenos que podem ser explicados graças à similaridade linguística; as traduções para o Português Brasileiro de Honkis para “dash” e “guided” se encontram muito próximas das ocorrências na obra original *Frankenstein*. No caso de “dash”, que aparece como “and you will dash the cup from your lips!” (Shelley, 1994, p.20), o tradutor da T2 opta pela tradução literal e mais aproximada “e você afastará o cálice de seus lábios!”; enquanto Ralph, por exemplo, opta por “e afastará, prontamente, suas ilusões”. É de conhecimento geral que a expressão “afastar o cálice dos lábios” também existe no Português Brasileiro com o mesmo sentido passado pela obra, portanto sua escolha pode ser justificada pela semelhança encontrada entre as línguas e seu padrão de uso em comum.

Já quando se trata da ocorrência de “guided”, o mesmo acontece. A expressão de ser guiado por um cordel de seda, em Português Brasileiro, passa exatamente o mesmo sentido do sentido original de *Frankenstein*, para os leitores nativos do Brasil: “I was so guided by a silken cord that all seemed but one train of enjoyment to me.” (Shelley, 1994, p.27) (Eu estava tão guiado por uma corda sedosa que tudo parecia nada além de um trem de diversão para mim).

Levando isso em consideração, podemos ver claramente a semelhança linguística na forma como Honkis traduz a ocorrência: “fui guiado por um cordel de seda”; diferenciando-se completamente não só do tradutor da T1, que optou pela escolha de não tradução, mas também dos tradutores da T3 e da T4 de *O Médico e o Monstro*, considerando que estes escolheram respectivamente “O senhor saberá ser sensato? Vai se deixar conduzir?” e “Quer ser ajuizado?”

Quer aceitar uma opinião?” para a tradução de “guided” como expressão idiomática no trecho “Will you be wise? Will you be guided?” (Stevenson, 2006, p.70)

Nesse ponto faz-se importante ressaltar que, mesmo não havendo equivalência tradutória entre as traduções dessas ocorrências nas obras originais, e que Honkiss tenha optado pela tradução mais semelhante e comum para a língua de chegada da tradução feita de *Frankenstein*, tanto Golob, Aguiar e Sartori (T3), quanto Costa (T4) conseguiram também transmitir com sucesso o sentido metafórico arbitrário e convencional presente no uso de “guided” naquela passagem de *O Médico e o Monstro* para seus leitores, apenas se utilizando de escolhas diferentes para isso, e cujos impactos no público alvo serão discutidos e avaliados na seção seguinte, sejam considerados positivos ou negativos dependendo da motivação dos tradutores e da excelência de seu uso.

### 6.5 Níveis de formalidade

Por último, vimos que nas traduções alguns dos tradutores diferiram em suas escolhas dos níveis de formalidade ao longo de seu trabalho com as obras originais analisadas. Levando isso em consideração, é possível propor que eles tinham em mente - ou até mesmo já tinham inicialmente como objetivo concreto e específico - um público alvo distinto para suas traduções. Isso interfere não apenas nos vocábulos dos quais eles se utilizam para traduzir as expressões idiomáticas - e também a obra como um todo -, mas também no tamanho e na qualidade do texto de chegada em comparação com o texto de partida.

Como exemplos, podemos comparar as traduções de cada uma das expressões idiomáticas trabalhadas. Nas traduções de “alas” de ambas as obras, podemos encontrar majoritariamente o uso de “ai de mim” ou “pobre de mim” na T1, T2 e T3; no entanto, Costa (tradutora da T4) opta por “infelizmente” e “tristeza”, demonstrando uma maior impessoalidade e mais precisão e objetividade em suas escolhas.

Dentre as traduções de “balderdash”, de *O Médico e o Monstro*, vemos que Golob, Aguiar e Sartori (tradutores da T3) optam por um nível menor de formalidade ao preferirem a escolha de “palavrório”, enquanto na T4 se encontra o termo “disparate” como tradução da expressão.

Já nas traduções de “dash” de *Frankenstein* (no trecho “and you will dash the cup from your lips”), Ralph (tradutor da T1) opta por um nível maior de formalidade ao escolher “e afastará, prontamente, suas ilusões”, enquanto que Miécio Araújo Jorge Honkiss dá preferência para “e você afastará o cálice de seus lábios!”, se aproximando assim da expressão mais comum ao Português Brasileiro - mantendo a similaridade linguística entre as línguas, como visto em

4.2.4, mas diminuindo assim a formalidade, visto que essa é uma ocorrência de caráter mais popular.

E por fim, dentre as traduções de “guided” de *O Médico e o Monstro* (no trecho “Will you be wise? Will you be guided?”), os tradutores da T3 demonstram uma maior formalidade - em oposição à sua escolha de menor formalidade para a tradução da expressão idiomática “balderdash”; estes optam pela utilização de “O senhor saberá ser sensato? Vai se deixar conduzir?” como tradução, enquanto que a tradutora da T4 dá preferência ao uso de “Quer ser ajuizado? quer aceitar uma opinião?” - demonstrando maior proximidade e informalidade entre os personagens do discurso, e conseqüentemente menos formalidade.

Considerando todos os fatores mencionados acima, é plausível propor que, além da diferença do público alvo dos tradutores mencionada previamente, certos níveis de formalidade nas traduções também se adequaram às obras dependendo da passagem - aproximando ou afastando personagens de acordo com a intimidade ou impessoalidade destes demonstrada nos textos originais.

## **7. Impactos no leitor**

Ao levarmos em consideração os aspectos tratados anteriormente (como as ocorrências de expressões idiomáticas foram vistas pelos tradutores avaliados de ambas as obras estudadas e quais escolhas tradutórias eles optaram por fazer em cada ocorrência), devemos considerar também que, mesmo que na maioria dos casos exista uma relação de fidelidade próxima e adequada entre a tradução realizada e o conteúdo presente nas obras originais, o fato de que cada um dos tradutores deu preferência a uma opção tradutória distinta pode resultar em diferentes impressões ao longo da leitura feita por seu público alvo.

Vimos que, dentre as escolhas às quais os tradutores deram preferência, há diversos fenômenos de não tradução, de adaptação cultural ou religiosa, de conectividade e fluência discursiva, de similaridade linguística e também de variações de níveis de formalidade; que certos tradutores optaram por uma linguagem mais precisa, formal e objetiva, enquanto outros preferiram um nível menor de formalismo, com descrições mais ou menos detalhadas e com expressões linguísticas mais recorrentes e comuns encontradas no uso do Português Brasileiro; e que uma relação extremamente tênue de equivalência foi encontrada apenas na análise de uma das expressões idiomáticas, “alas”, onde ambos os tradutores de *Frankenstein*, optaram diversas vezes pela mesma frase ao traduzi-la: “ai de mim!”.

Tendo todos esses fatos em mente, devemos considerar que diferentes leitores tiveram experiências de leitura distintas frente às várias traduções analisadas. Os leitores que se depararam com as ocorrências de não tradução das expressões idiomáticas que foram analisadas, por exemplo, podem ter tido uma impressão menos impactante e menos completa das obras estudadas, pois, como foi possível concluir, em certos casos específicos esse fenômeno de escolha tradutória acabou resultando em uma certa defasagem do sentido original e completo passado pelos autores em suas obras - fazendo com que, dessa forma, os leitores não tivessem acesso à experiência total que aquelas leituras poderiam proporcioná-los.

Já quando consideramos as ocorrências cujo fenômeno de escolha tradutória se deveu à adaptação cultural ou religiosa, podemos propor que os leitores do público alvo possam, talvez, ter se identificado de forma mais clara nas passagens nas quais os tradutores optaram pela tradução da expressão idiomática “alas” como “Ah meu Deus!”, visto que é uma expressão recorrente no Português Brasileiro, com a qual os falantes nativos dessa língua estão acostumados - seja para uso próprio ou pelo uso de outros falantes no cotidiano. Isso proporciona aos leitores uma capacidade maior de compreender o teor das passagens nas quais “alas” está presente, visto que expressões como “ai de mim!” ou “miserô que sou” - encontradas também como traduções das ocorrências das obras - são bem menos comuns na língua de chegada (mesmo que sejam apropriadas como escolhas tradutórias, visto que passam praticamente literalmente o significado da expressão idiomática). Levando isso em consideração, podemos sugerir duas possibilidades: a primeira é que os leitores das obras, ao se depararem com essa escolha tradutória, tenham se identificado ou se situado melhor na leitura, pois o teor apelativo - e muitas vezes desesperado - da expressão “ah meu Deus!” é extremamente claro para a maioria dos falantes nativos do Português Brasileiro, dada a sua recorrência na língua em situações diárias. No entanto, no que diz respeito à segunda possibilidade, também se pode sugerir que essa mesma recorrência pode acabar fazendo com que essa expressão religiosa perca seu valor essencial de intensidade e seriedade - o mesmo valor representado por “alas” em suas ocorrências nas obras originais - para algumas pessoas que a usam ou ouvem com frequência demais. Sendo assim, essa escolha tradutória também poderia diminuir o valor de sofrimento passado no trecho ao torná-lo mais trivial aos olhos de certos leitores dentre o público alvo - ambas as possibilidades sendo relativizadas apenas dependendo da variação do conhecimento prévio que cada um tem da expressão escolhida pelos tradutores.

Diferentemente disso, quando consideramos as ocorrências cujo fenômeno de escolha tradutória se deveu à tentativa dos tradutores de aumentar a conectividade e fluência discursiva, podemos sugerir que os leitores tenham tido uma compreensão melhor do trecho e uma maior facilidade durante a leitura das passagens que apresentam essas ocorrências. Isso se deve ao fato de que os tradutores que optaram por essa estratégia tiveram sucesso em sua escolha: o trecho pode ser visto de forma ainda mais conexa sem perder seu teor original - a substituição da expressão idiomática “alas” na T2, por exemplo, por vocábulos que retomam elementos textuais da obra e mantêm o sentido de desespero e apelação, permitem que os leitores do público alvo se situem de forma mais clara em sua leitura sem perder informações fundamentais presentes nos livros em suas línguas de partida.

Já nas ocorrências em que os tradutores preferiram uma aproximação entre as línguas de partida e de chegada se utilizando de similaridades linguísticas, é possível sugerir que os leitores do público alvo tenham tido uma imersão maior ao longo da leitura, e conseqüentemente também uma melhor compreensão desta, visto que puderam identificar elementos e expressões comuns à sua língua materna nas traduções encontradas; conseguindo, dessa forma, associar com muito mais facilidade e clareza os significados presentes na obra original em sua própria língua.

Por fim, ao considerarmos as ocorrências cujo fenômeno de escolha tradutória se deveu à escolha dos tradutores de aumentar ou diminuir os níveis de formalidade das obras originais, é possível supor que, dependendo do público alvo e dos conhecimentos prévios de cada leitor das obras traduzidas, a leitura pode ter se tornado mais simples ou mais difícil - variando ao longo da leitura ou apenas em trechos específicos (nos casos em que os tradutores não mantiveram um nível único de maior ou menor formalidade na tradução inteira, mas o adequaram de acordo com as passagens da obra original).

Tendo todos os fatores retratados em mente, podemos assumir que a maioria das escolhas tradutórias feitas pelos tradutores - com a exceção das escolhas de não tradução e de maior formalidade -, acabaram beneficiando os leitores, mesmo desprovidas de equivalência entre si; pois possibilitaram a melhor compreensão dos elementos linguísticos presentes nos textos, e, o mais importante, sem defasar a transmissão de seu conteúdo original para o público alvo.

## **8. Resultados**

Tendo em vista a proposta de verificar a existência de equivalência na tradução de expressões idiomáticas específicas por certos tradutores estudados, e, caso não fosse constatada

a presença desta, sugerir possíveis motivações para que as escolhas tradutórias se fizessem distintas e quais os prováveis impactos em seus leitores dentre o público-alvo das obras *Frankenstein* e *O Médico e o Monstro*, chegou-se às conclusões explicitadas nos tópicos seguintes.

### **8.1. Equivalências**

Nessa pesquisa, verificou-se que não há relação alguma de equivalência tradutória entre as expressões idiomáticas “alas”, “balderdash”, “dash” e “guided” nas traduções de Ralph e de Honkis de *Frankenstein*, e de Golob, Aguiar e Sartori e de Costa de *O Médico e o Monstro*. Em muitos dos casos, as traduções se assemelharam e foi estabelecida uma relação de proximidade bem clara entre os termos utilizados - por ter sido feito o uso de expressões similares da língua de chegada que passaram praticamente o mesmo sentido que o do presente nas obras originais -, mas algumas das escolhas tradutórias não tiveram tanto sucesso - estas acabaram defasando o conteúdo na tradução e intervindo negativamente na experiência dos leitores.

### **8.2 Motivações**

Levando em consideração os contextos nos quais as expressões idiomáticas escolhidas ocorreram, o público alvo que os tradutores tinham em foco e também a sua liberdade tradutória, ao longo deste trabalho foi possível estabelecer motivações prováveis para a variação encontrada na tradução dessas expressões idiomáticas.

Os tradutores, em certos casos, optaram pela não tradução, seja para evitar repetições, para manter a obra traduzida mais concisa - de acordo com as necessidades do público-alvo esperado - ou pelas expressões terem sido consideradas não essenciais no contexto. Em outros casos, os tradutores optaram pela adaptação cultural e religiosa, na qual traduziram uma expressão idiomática com teor de apelo e desespero por uma ocorrência recorrente do Português Brasileiro que apresenta exatamente o mesmo teor, porém num contexto cultural e religioso distinto: “Ah, meu Deus!” - seja para aproximar-se do público alvo e proporcioná-lo uma compreensão mais clara do texto original, seja para evitar a repetição de outras formas de tradução escolhidas para a mesma expressão.

Outra estratégia utilizada pelos tradutores foi a de tentar aumentar a conectividade e a fluência discursiva, traduzindo uma expressão relativamente vazia semanticamente (desprovida

de significado concreto) - visto que pode ser considerada uma interjeição - por elementos presentes no discurso daquele trecho, para evitar repetições e aumentar a facilidade de leitura do público alvo por encontrar uma retórica mais interligada. Não apenas isso, mas os tradutores se utilizaram também de traduções por similaridade linguística para que as expressões idiomáticas fossem trazidas para um contexto mais próximo dos leitores.

E, por último, alguns dos tradutores também escolheram manter seus níveis de formalidade maiores ou menores nas obras como um todo, enquanto outros tradutores preferiram variá-lo ao longo das traduções, levando em consideração tanto a intensidade da relação entre os diferentes personagens encontrados nas passagens nas quais as expressões ocorreram, quanto também o público alvo que tinham em mente inicialmente, pensando na possível relatividade de seu conhecimento prévio e de sua maior ou menor facilidade de interpretação e compreensão de acordo com o contexto apresentado - resultando ou numa experiência melhor de leitura graças à linguagem menos formal, ou defasando o conteúdo da obra original devido à escolha de palavras tão distinta da escolha feita pelos próprios autores.

### **8.3 Impactos**

Por fim, conclui-se que, com as estratégias de adaptação cultural e religiosa de aumento de conectividade e fluência discursiva e também de similaridade linguística, os tradutores foram capazes de proporcionar aos públicos-alvo de suas traduções uma melhor experiência de leitura, mesmo sem a presença da equivalência tradutória entre elas, visto que possibilitaram a melhor compreensão dos elementos linguísticos presentes nos textos sem defasar a transmissão de seu conteúdo e sentido originais - assim, mantendo-se fiéis aos autores das obras originais e se aproximando o máximo possível de seus leitores para facilitar sua compreensão e aumentar sua imersão nos textos. Já com o uso das estratégias de não tradução e de variação do nível de formalidade, alguns tradutores podem não obter tanto sucesso, uma vez que estas escolhas tradutórias não transmitem por completo os elementos presentes nas obras originais, mesmo que estes sejam certas vezes redundantes, e se afastem dos seus públicos alvo ao optarem pelo uso de uma linguagem que seja mais distante e formal, ou seja, simples demais.

### **Referências**

ALVES, F. “Ritmo Cognitivo, Meta-reflexão e Experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes”. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.;

- ALVES, F. **Competência em tradução. Cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000, p. 15-57
- BAKHTIN, M. “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”. In: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 71-107.
- CAMBRIDGE DICTIONARY. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/> Acesso em 13/07/2023
- CATFORD, J. **A Linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1965.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2002. 285 p.
- KUMAR, A. P. **Translation as ‘Dialogic Agreement’: A Bakhtin’s Perspective**. International Journal of English and Literature (IJEL), v. 4, n. 6, 2014.
- MAGALHÃES, C. “Pesquisas textuais/discursivas e tradução: o uso de corpora”. In: PAGANO, A. **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p.93-117.
- OXFORD ENGLISH DICTIONARY (2023). Disponível em: <https://www.oed.com/> Acesso em 13/07/2023
- SHELLEY, M. **Frankenstein, or, the modern Prometheus**. London: Penguin, 1994. 214p.
- SHELLEY, M; HONKIS, M. **Frankenstein: o moderno Prometeu**. Rio de Janeiro: Record, 1994
- SHELLEY, M; LOPES, C. **Frankenstein**. São Paulo: Scipione, 1993. 104p.
- SHELLEY, M; RALPH, É. **Frankenstein**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19-] 122 p
- SHELLEY, M; STEVENSON, R; STOKER, B; FERREIRA, R. L; NASCIMENTO, C; BITTENCOURT, M. L. **Frankenstein, ou, O Prometeu moderno**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012. 534 p.
- STEVENSON, R; JAHN, H. **O médico e o monstro**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. 96p.
- STEVENSON, R. **Strange case of Dr Jekyll and Mr Hyde and other tales**. OUP Oxford, 2006.
- STEVENSON, R. **O médico e o monstro: Dr. Jekyll e Mr. Hyde**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 99 p.
- STEVENSON, R. **O médico e o monstro: o estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1988, 82p.

STEVENSON, R. **O médico e o monstro: (Dr. Jekyll e Mr. Hyde)**. Rio de Janeiro: Record, [19--?]

TOURY, G. **The nature and role of norms in literary translation**. In: HOLMES, J.S., LAMBERT, J. & van den BROECK, R. **Literature and Translation**. Leuven: ACCO, 1978, p. 83- 100.

URBAN DICTIONARY. Disponível em: <https://www.urbandictionary.com/> Acesso em 13/07/2023

VILELA, M. **As expressões idiomáticas na língua e no discurso**. 2002.

XATARA, C. **Tipologia das expressões idiomáticas**. ALFA: Revista de Linguística, 1998.